



DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA SOCIAL E ARTE

Maria Sara de Lima Dias*
maria.dias@utp.br
Denise de Camargo**

ZANELLA, A. V.; MAHEIRIE, K. (Org.). **Diálogos em psicologia social e arte**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2009.

Andréa Vieira Zanella e Kátia Maheirie (Org.), em seu livro *Diálogos em Psicologia Social e Arte*, compartilham conosco suas descobertas de pesquisa e produtos intelectuais cunhados no encontro da psicologia com a arte, no entretecer do pensar, sentir e fazer. É o primeiro livro, de que temos conhecimento, que estabelece este diálogo entre estética, ética e psicologia através da investigação de processos de criação, considerados como atividades mediadoras do processo de constituição do sujeito.

Na busca da compreensão do humano o livro dá visibilidade às observações que envolvem linguagens artísticas como música, dança circo, obra de arte, teatro e literatura, tecendo um desafiador diálogo entre ciências humanas e outras áreas do saber como a educação, a comunicação, a antropologia, a semiótica e a arte. É um livro que, embora mais diretamente vinculado ao campo da psicologia, apresenta uma compreensão abrangente do processo de criação em uma perspectiva histórico-cultural-dialógica.

Os diferentes lócus das pesquisas apresentadas nos capítulos que compõem o livro constituem novas possibilidades de ação e subsidiam uma reflexão sobre a dimensão da arte no complexo movimento de produção das singularidades características de toda e qualquer pessoa. Ao incorporarem o dialógico ao histórico-cultural, essas pesquisas se voltam para uma estética da existência, ou seja, para a reinvenção das relações com um outro e consigo mesmo pautadas por uma sensibilidade que reconhece e afirma a polissemia da vida.

Os pressupostos teóricos adotados no NUPRA/UFSC (Núcleo de pesquisas em Práticas Sociais, Relações Éticas e Estéticas e Processos de Criação da Universidade Federal de Santa Catarina) e presentes nos vários capítulos são construídos sobre uma admirável apropriação do

* Doutora em Psicologia (UFSC, 2009). Atualmente trabalha com projetos de Orientação Profissional e Planejamento de Carreira, e no Diagnóstico e implantação de Redes Sociais. Atua no Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Psicologia Social Comunitária na Universidade Tuiuti do Paraná.

** Doutora em Psicologia Social (PUC/SP, 1997). Professora adjunta da Universidade Tuiuti no Mestrado de Psicologia. Atualmente estuda a formação do psicólogo no campo da Psicologia Social Comunitária.

materialismo histórico. As pesquisas se caracterizam por um movimento onde as relações estéticas e os processos de criação estão alicerçados por uma concepção de sujeito apresentada nas obras de Liev S. Vygotski (1991, 1992, 1995) e que se constitui como fundamento do enfoque histórico-cultural em Psicologia. Para essa perspectiva, o sujeito é sempre processo contínuo de vir a ser em relação com um outro, é agente de transformações necessárias à sua existência, em uma atividade diária de (re)construção singular e coletiva.

O livro é composto por 18 capítulos que configuram e dão identidade à produção dos pesquisadores do NUPRA, propondo questionamentos e aproveitando os conceitos de diversos campos do saber para configurar uma visão teórica que reflete uma determinada visão de mundo aberta à escuta dos sujeitos com os quais se pesquisa. São capítulos que desenvolvem, nesse sentido, uma teoria fundamentada na realidade e no drama da vida: pode-se reconhecer neste livro o saber como resultado da experiência e o aprender como processo que une diferenças, tempos e pensamentos.

A intensidade do livro, a amplitude e diversidade das pesquisas relatadas contribuem significativamente para o campo da psicologia social e, mais especificamente, para discussões metodológicas. As análises são realizadas à luz das contribuições de Vygotski, Sartre, Baktin e seu Círculo e apresentadas com diferentes intensidades ao longo dos capítulos. Destacamos alguns entre os 18 capítulos que integram o livro para exemplificar o tom das discussões e a potência do que é apresentado aos leitores.

No primeiro capítulo, Um breve relato de algumas das muitas voltas do coração: as pesquisas do NUPRA, os autores apresentam a linha de pesquisa que, a partir de perspectivas históricas, orienta os estudos sobre a constituição do sujeito singular e coletivo, relações estéticas, os processos de objetivação e subjetivação, a produção da diferença e as práticas de resistência e criação de movimentos sociais e outras formações coletivas. Apresentam-nos os sujeitos pesquisadores com suas objetivações e obras e as inspirações políticas do grupo, pautadas pela compreensão de que “o pesquisador deixa de ser um sujeito cujo olhar é localizado de fora do evento e reconhece a implicação subjetiva existente entre pesquisador e objeto de pesquisa, sem, no entanto prejudicar o olhar exotópico” (p.17).

O livro apresenta-nos a estética como relação estética em razão do reconhecimento da condição inexoravelmente histórica, relacional e dialógica do ser humano. No segundo capítulo, Psicologia Social... Arte... Relações Estéticas... Processos de Criação... Fios de uma trajetória de

pesquisa e alguns de seus movimentos intensificam-se as discussões iniciadas no capítulo anterior explicitando a aproximação com o campo da arte e as preocupações com o processo de ensinar e aprender. As discussões passam pelo processo de constituição do sujeito e pela questão da atividade criadora, retomando Vygotski (2001, p. 352) para relevar a mediação teórica entre a arte, a estética e os processos de criação: “O que deve servir de regra não é o adorno da vida, mas a elaboração criadora da realidade, dos objetos e seus próprios movimentos, que aclara e promove as vivências cotidianas ao nível da consciência criadora”. A citação de Vygotski e as alterações apresentadas no texto provocam e convocam o leitor, a partir da objetivação criadora da obra de arte, a dialogar com suas formas, sons, cores e texturas que, em razão de sua potência estética, possibilitam a condição de estranhamento.

No terceiro capítulo, A música como foco nas pesquisas: alguns acordes na partitura da psicologia social, a autora apresenta seu percurso investigativo adentrado no debate acerca do conceito de arte. A música nos informa e localiza as pessoas num cenário cultural e político de forma que pode apontar discussões importantes sobre mudanças nas estruturas sociais. Ao entender a música como forma de linguagem, nos apresenta a chave para a compreensão da música como expressão do pensamento emocional e capaz de se fazer mediadora na construção de sujeitos singulares e coletivos.

No capítulo quatro, Dançar a vida: a constituição do sujeito como devir estético, a autora lança seu olhar sobre a dança enquanto atividade estética buscando caracterizar as relações que a constituem. Mostra-nos um mundo em movimento, enfatizando a dança como devir estético do sujeito e como uma possibilidade de emancipação.

O capítulo cinco, A cidade e suas configurações: trajetórias e sentidos de jovens de classes populares na/com a cidade de Florianópolis/ SC, apresenta as contradições sociais presentes nas configurações dos espaços e os discursos que hegemônicos tentam mostrar uma cidade homogênea e que são contestados pelos jovens. Enfatiza a desigualdade e pontua questões relacionadas à diferenciação de infraestruturas e moradias na cidade, impossibilidades de consumo e acesso ao que a cidade oferece. A convivência com diferentes territorialidades impõe diferentes experiências aos sujeitos que, forjadas nas trajetórias desses jovens, impedem qualquer tentativa de padronização.

Os demais capítulos continuam a tecer o diálogo entre psicologia social e arte através de diferentes focos, como a cidade, o circo, o teatro, a leitura literária, a música, o grafite, imagens

de obras de arte, a construção da identidade, a participação política, o ler e o escrever.

É frequente no trabalho do grupo a apresentação das pesquisas entrelaçada às trajetórias dos pesquisadores em distintas práticas sociais. Os achados teóricos e metodológicos reafirmam assim um ato responsivo, uma assinatura ético-política da obra (Bakhtin, 2003). Convidam-nos a adentrar as vozes sociais presentes em suas trajetórias como pesquisadoras, professoras e psicólogas. De forma específica, o olhar sócio histórico é comprometido com o desenvolvimento do corpo teórico, metodológico e prático da psicologia social, nos revelando uma realidade social pulsante e que é cotidianamente reinventada.

A mediação entre a psicologia social e a arte encontra, neste livro, a importante contribuição de temas até então desconhecidos ou talvez ignorados pela produção científica brasileira, a saber: a atividade criadora, os processos de produção de sentidos e as relações estéticas. Nos variados capítulos é possível compreender que a arte é vida e viver é uma arte, dimensão constitutiva da arte na vida ressaltada na afirmação de Vygotski (1998, p.320): “A arte é antes uma organização no nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a se concretizar, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela”.

Tal composição possibilita-nos compreender que presente passado e futuro se entrelaçam incessantemente em cada acontecimento, o que faz da existência humana um processo de reinvenção constante alicerçado no vivido que se atualiza constantemente no movimento do que está sendo, em suas várias condições e possibilidades. O conceito de relações estéticas, por sua vez, chama a atenção para a qualidade dos encontros com um outro, presente ou ausente, mas marcados por e um posicionamento que é ao mesmo tempo afetivo, cognitivo, sensível, pela responsividade que conota a própria existência humana.

A dinâmica da proximidade e distanciamento, acontecimentos e exotopias movem os olhares pelas vias da cidade, pelos interstícios do existente que apresentam amalgamados o que foi ao que é em sua dimensão plural e tantas possibilidades do que pode vir a ser. O livro neste sentido nos aclara a visão de que as relações estéticas são relações fundamentais para a compreensão e leitura da polissemia da realidade, das infinitas possibilidades de existência singular e coletiva e da própria incompletude humana que caracteriza a todos como movimento de vir a ser.

Recebido em 25 de março de 2012. Aprovado em 31 de maio de 2012.